VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E INCLUSÃO ESCOLAR: UM CAMINHO PARA A DIVERSIDADE NA SALA DE AULA

ADENILSON VIANA PAIVA

RESUMO
O artigo discute a importância da variação linguística no ensino de língua portuguesa, destacando a necessidade de considerar fatores extralinguísticos no ambiente escolar. Baseado nos estudos de William Labov e outros teóricos como Marcos Bagno e Gabriel Nascimento, o autor argumenta que a língua é heterogênea e reflete as diversidades sociais e culturais dos falantes. Ao enfatizar a inclusão das variantes linguísticas em sala de aula, o trabalho propõe uma prática pedagógica que valoriza a diversidade e combate o preconceito linguístico. A literatura de autores como Marcelino Freire e Jarid Arraes é apresentada como exemplo de expressão regional e cultural, demonstrando como a oralidade e as identidades de fala podem ser integradas ao ensino de português. A autora conclui que o ensino da variação linguística contribui para uma educação mais democrática e inclusiva, promovendo o respeito e a valorização das diferentes formas de falar.

Palavras-chave: Variação linguística, Preconceito linguístico, Sociolinguística, Ensino de português, Inclusão escolar

ABSTRACT
The article discusses the importance of linguistic variation in the teaching of Portuguese, highlighting the need to consider extralinguistic factors in the school environment. Based on the studies of William Labov and other theorists such as Marcos Bagno and Gabriel Nascimento, the author argues that language is heterogeneous and reflects the social and cultural diversities of its speakers. By emphasizing the inclusion of linguistic variants in the classroom, the work proposes a pedagogical practice that values diversity and combats linguistic prejudice. The literature of authors such as Marcelino Freire and Jarid Arraes is presented as an example of regional and cultural expression, demonstrating how orality and speech identities can be integrated into the teaching of Portuguese. The author concludes that teaching linguistic variation contributes to a more democratic and inclusive education, promoting respect and appreciation for different ways of speaking.

Keywords: Linguistic variation, Linguistic prejudice, Sociolinguistics, Teaching Portuguese, School inclusion

INTRODUÇÃO

Os estudos estruturalistas propostos por Saussure e os gerativistas apresentados por Chomsky entendem a língua como um sistema homogêneo, sem levar em conta os fatores extralinguísticos, ao contrário dos estudos propostos por Labov, que consideram a língua como heterogênea e levam em consideração os fatores externos a ela. Assim como Labov observou a língua e a considerou como um fator social, viu ainda que a língua falada possui diversas variações e existem várias maneiras de se falar a mesma coisa com o mesmo valor de verdade.

Nós observamos que o ambiente escolar dispõe de variedades culturais, religiosas e também linguísticas, onde é necessário que o professor de língua portuguesa e toda a equipe escolar entendam que a língua falada é diferente da língua escrita, pois a escrita é uma representação da fala e não o contrário; por isso, pode mudar de acordo com o contexto de vida de cada aluno.

A sociolinguística ou sociologia da linguagem é uma das subáreas da linguística que estuda a língua em uso nas comunidades de fala. Um dos principais linguistas dessa área é o William Labov, que foi o criador da Teoria da Variação e Mudança Linguística (1972), a qual tem a presença do componente social na análise linguística, estudando a língua padrão e os fatores externos a ela e que podem modificá-la ao longo do tempo, sendo essas modificações de ordem fonética, sintática e semântica. Ocorre assim, o fenômeno da variação linguística - como explica o doutor sociolinguista Fernando Tarallo.

Além disso, Tarallo também explica em seu livro “A pesquisa Sociolinguística” (1985) que as variantes podem ser divididas em variante

padrão/ não padrão. No que se refere a variante padrão, Tarallo afirma que ela é considerada conservadora e goza de prestígio sociolinguístico na comunidade, ao contrário da variante não padrão que é estigmatizada, ficando marginalizada na comunidade.
Um exemplo das duas variantes no Português Brasileiro é a marcação do plural, em que a variante [s] é padrão, e a variante [ ] é não-padrão. Sendo assim, variação linguística está visivelmente presente no âmbito escolar, pois é um ambiente frequentado por pessoas de diferentes realidades sociais e linguísticas que existem na sociedade. Diante disso, é de suma importância que esse fenômeno seja tratado nos documentos oficiais para acontecer a inclusão de todos os usuários da língua portuguesa.
Para o meu trabalho de conclusão de curso, pesquisei e me aprofundei nas diferentes formas de expressão da língua na literatura, em como explorar esse tema em sala de aula, atentando-se para a inclusão, apreciação, riqueza da língua e os múltiplos contextos da fala. Me interessam sobretudo os regionalismos, as variantes e os neologismos do cenário literário brasileiro numa perspectiva sociolinguística. A reflexão sobre o tema das variantes linguísticas é um tema que me interessa pela riqueza da historicidade de cada fala, de suas nuances, sotaques e recursos de intenção da fala, aliando-se aos estudos sociolinguísticos de
William Labov, e temas contemporâneos como o proposto por Gabriel Nascimento, em Racismo Linguístico (2019).
A linguagem tem o poder de unir e separar povos, e a todo o instante está sendo reinventada. É necessário que o professor desmistifique a linguagem padrão como sendo a certa, e única aceitável. Essa nova perspectiva ultrapassa a barreira do preconceito linguístico e expande o repertório do educando enquanto sujeito civil.
A partir desta reflexão me veio uma pergunta: como usar essa perspectiva na práxis da sala de aula? Eu (enquanto professor nordestino) devo me ater com a linguagem que uso para, enfim, me fazer entender numa cidade como São Paulo? Que valores ou não-valores isso me agrega?
A originalidade em retratar falas num texto aponta para diversas formas de entendimento, tanto para quem escreve quanto para quem lê, provando dessa forma que a linguagem é plural, democrática e que cada língua tem a sua especificidade, mesmo dentro das chamadas "comunidades de fala".
Ronald Beline – professor de sociolinguística, com ênfase na variedade paulistana, estudos de gênero e percepção sociolinguística – diz que a língua portuguesa possui casos de variação no léxico, na fonética, na morfologia, na sintaxe, na semântica e na pragmática. A partir dessa ideia conseguimos abrir um leque para trabalhar em sala de aula, com muitas práticas linguísticas, enaltecendo a variedade e riqueza da língua portuguesa com os estudantes.
O autor parte da afirmativa de que todas as línguas variam. Dentre outras diferenças linguísticas, destaca-se a lexical entre os signos "jerimum" e "abóbora" nas diversas regiões brasileiras. Há exemplos de variação fonético-fonológica, em que um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de formas diferentes conforme o lugar – variação diatópica. E existe ainda a variação diafásica, que ocorre conforme o contexto mais ou menos formal em que se produz a fala.
Depois temos construções sintáticas diferentes que expressam o mesmo sentido:
"Olha, eu não vou sair agora"/ olha eu não vou sair agora, não". Os pronomes relativos também podem ter seu uso diferente do que manda a norma-padrão.: (1) "Essa é a pessoa em cuja casa eu fiquei quando viajei. (2) Essa aqui é a pessoa que eu fiquei na casa quando viajei. (3) Essa aqui é a pessoa que eu fiquei na casa dela." Os exemplos (2) e (3) são conhecidos como relativas cortadoras e copiadoras. As cortadoras eliminam a preposição que precede o pronome relativo (em) e o sintagma nominal relativizado (dela); as copiadoras repetem esse último.
Mais à frente o texto aborda as diferenças entre grupos e comunidades linguísticas. Algumas regras sociais inquestionáveis, como diferenças socialmente marcadas. É o caso de alguém que fala "as pessoa" e "uns carro". Atitudes linguísticas que não estão delimitadas apenas por fronteiras geográficas, mas também fronteiras sociais, tais como a escolaridade e o nível socioeconômico.
Para aprofundar sua pesquisa sobre variações

na língua, o autor chega à conclusão de que é preciso "quantificar" os dados. Afinal, precisamos saber o quão diferente é a variação de uma comunidade para outra. Por exemplo, quantos falantes da região tal, apagam mais o "r" em final de palavra das que menos apagam. Ou as regiões que menos usam algum tipo pronome das que mais usam.

Podemos estudar a língua de uma comunidade inteira partindo da fala de alguns de seus membros, pois os pesos relativos que vão definir o uso de formas variantes pelos falantes são os mesmos pesos que vão definir uma comunidade inteira, ainda que possa haver diferenças nas quantidades de dados de cada falante, dentro do quadro geral. (NASCIMENTO, 2019, P. 103)

Como conclusão do capítulo, Belline explana que o Brasil está pouco adiantado nos estudos sociolinguísticos, e pesquisas nesse sentido ainda precisam buscar muita coisa.
A variação linguística é um fenômeno fascinante que permeia todas as línguas do mundo. Ela se refere à diversidade de formas de falar que existem dentro de uma mesma língua, resultante de uma série de fatores sociais, culturais, históricos e geográficos. Essas variações podem ocorrer em diferentes níveis linguísticos, como na fonologia, na morfologia, na sintaxe, na semântica e no léxico.
Uma das formas mais evidentes de variação linguística é a variação regional, que se manifesta através de sotaques, vocabulário e estruturas gramaticais distintas em diferentes regiões de um país ou entre países que compartilham uma língua comum. Por exemplo, o português falado no Brasil apresenta uma grande diversidade regional, com variações marcantes entre o sotaque nordestino, carioca, paulista, entre outros.
Além da variação regional (diatópica), existem também outras formas de variação linguística, como a variação social (diastrática), que está relacionada ao contexto socioeconômico, educacional e cultural dos falantes. Por exemplo, é comum que diferentes grupos sociais usem vocabulário específico ou expressem sua linguagem de maneira diferente uns dos outros.
Outro tipo de variação linguística importante é a variação estilística (diafásica), que está relacionada ao registro linguístico utilizado em diferentes situações de comunicação. Por exemplo, a linguagem utilizada em um discurso formal, como uma palestra acadêmica, é diferente da linguagem utilizada em uma conversa informal entre amigos.
É importante ressaltar que todas as formas de variação linguística são igualmente válidas e refletem a riqueza e a complexidade da linguagem humana. No entanto, é comum que certas variedades linguísticas sejam estigmatizadas ou desvalorizadas em relação a outras, o que pode levar à perpetuação de preconceitos linguísticos e sociais.
Portanto, é fundamental que os falantes e os estudiosos da linguagem reconheçam e valorizem a diversidade linguística, promovendo o respeito e a compreensão das diferentes formas de falar. Ao fazer isso, contribuímos para uma maior inclusão social e para o enriquecimento da nossa compreensão da complexidade e da beleza da linguagem humana.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E INCLUSÃO ESCOLAR
Para este trabalho gostaria de focar em autores pelos quais me identifico, que sejam mulheres, pretos e pretas, homossexuais e nordestinos.
A partir desses estudos, eu quis explorar autores que dialoguem com a minha função educadora e representatividade em sala de aula.
A premissa do afeto nas relações pedagógicas são base dos estudos freirianos e a linguagem é um dos elementos primeiros. Portanto, aproximar-se da gramática com esse foco na identidade é um fator que me interessa. Para além dos estudos sobre a norma padrão e os neologismos na literatura brasileira contemporânea, é fundamental abordar também a sua oralidade. De onde o autor vem pode sugerir um enunciado diferente daquilo que se lê e aquilo que é falado.
Por isso pretende-se trabalhar as variações como um suporte a essas vozes.
A literatura de Marcelino Freire e de Jarid Arraes explora bem essas possibilidades de escrita regional, assim como outros cânones nacionais, como Graciliano ou Guimarães Rosa.
A literatura de Marcelino Freire, por exemplo, nos traz um cenário imagético em suas narrativas e compõe-se grandes arquétipos que mantêm uma relação viva com a linguagem,

seja através de personagens ou nas vozes do próprio autor.
Para inserir a força da oralidade nesses estudos linguísticos é possível trabalhar o teatro, com esquetes e breves interações em sala de aula entre os pares ou entre aluno-professor. As variações linguísticas na literatura podem ser uma forma de apresentar o próprio livro a ser estudado. Trabalhar os contos de Jarid Arraes pode trazer a voz de uma mulher preta nordestina dos tempos atuais. Afinal de contas, o Nordeste continua vivo, pulsante, com o mesmo sol que se falava nos Sertões, de Euclides da Cunha.
E o que é uma linguagem pós-moderna, que dialoga com os grandes clássicos? A meu ver, são os autores contemporâneos que têm a influência dos autores contemporâneos que têm a influência dos autores consagrados.
Foi pensando assim que me veio Jarid, Marcelino. Ao abordar numa aula sobre "contos" na 7ª série, podemos ir além de apresentar, por si só, os elementos da narrativa. Podemos explorar as intenções a partir de sua oralidade ou identidades de fala.

Amparado sob o estudo de teóricos e linguistas que valorizam nossa língua e as mais variadas formas de expressão, tenho como intuito criar uma sequência didática que colabore com a diversidade da fala do nosso português brasileiro, em sala de aula. Desmistificando o certo e errado da gramática normativa e considerando o uso de outras gramáticas também, este trabalho é, antes de tudo, um início e não uma "conclusão de curso". É apenas um pontapé inicial para que outras sequências com foco em variação linguística sejam pensadas e postas em prática. Mais do que a variação da língua, trabalhar este tema em sala de aula é uma ação de combate a qualquer preconceito, estigmas, bem como o racismo linguístico, termo este, inclusive, descoberto recentemente por mim, só através desta pesquisa.
No artigo intitulado "Um programa mínimo", de Sírio Possenti, o autor corrobora sobre possíveis pesquisas e estratégias pedagógicas que poderiam "melhorar sensivelmente a eficácia da escola, em especial no que se refere a um domínio da escrita, da leitura e mesmo da competência para o uso de uma norma linguística socialmente menos marcada."
O autor cita políticas de investimento e pesquisas que já ocorrem em muitos campos, como a agricultura, saúde pública, dentre outros, a fim de aprimorá-las. Logo, é de suma importância também, levar tais políticas para o campo da educação, especialmente, no da língua materna.
Possenti ressalta a relevância de distinguir o que é característico da fala local, diversos níveis de "problemas". Uma boa estratégia é identificar as formas que os linguistas chamam de "marcadores", "indicadores" e de "estereótipos".
Entende-se por "indicadores" os traços de linguagem que distinguem um grupo de outro – digamos , uma região de outra –, mas não distinguem um subgrupo de outro na mesma região. São exemplos de indicadores o /s/ dito chiado dos cariocas e o conhecido /r/ retroflexo usado em ampla região de São Paulo e outros estados. São indicadores porque distinguem, por exemplo, os falantes de classe média, ou mesmo alta, dos falantes de classe "baixa". Os exemplos regionais são os mais evidentes.
Entende-se por "marcadores" as formas linguísticas que, diferentemente dos indicadores, distinguem falantes de classes diversas de uma mesma região e indicam, por exemplo, formalidade maior ou menor. Podemos citar a expressão: "nós vai", "nós vamos". São ou seriam "estereótipos" certas características da fala de uma região que têm impacto social na comunidade de fala (mas eventualmente, nem são fatos reais). Servem de exemplo, certas caracterizações que a TV constrói da fala nordestina ou gaúcha ou portuguesa, que eventualmente não são reconhecidas pelos nordestinos, gaúchos e portugueses.
O professor deve se debruçar sobre os "marcadores" em sala de aula, para que o aluno compreenda que a sua fala pode ser versátil, e não taxada imediatamente como errada.
Além de Sírio Possenti precisei esmiuçar o "Preconceito Linguístico" de Marcos Bagno e o "Racismo Linguístico" de Gabriel Nascimento. Duas obras que me abriram novas perspectivas de compreensão do português, como estudante e professor e também me estimularam a iniciar este trabalho.
O combate às línguas faladas pelos povos originários negros e indígenas figura como

um dos primeiros atos do mito da brasilidade linguística entre nós, gerando, ao mesmo tempo, epistemicídio e llinguicídio. Definimos "epistemicídio" sob os olhares atentos de Sueli Carneiro (2011) em que ela, ao oportunamente ler Michel Foucault e seu conceito de biopoder e teoria sobre o Sul e sobre a ecologia dos saberes de Boaventura de Souza Santos, define epistemicídio como o extermínio do conhecimento do outro, através da definição do que é saber/conhecimento válido e do que não é.

É o caso, por exemplo, do reconhecimento dos artefatos das ciências de saúde como validados e legitimados, mesmo sendo alguns oriundos da pressão da indústria farmacêutica. Enquanto também ocorre o invalidamento do conhecimento mítico tradicional das populações afro-brasileiras como conhecimento particular.

Para Bagno, o chamado "preconceito linguístico" se dá por meio de uma ampla campanha patrocinada pela grande imprensa e pelos grupos de poder no país. O trabalho do autor se dedica a pesquisa descritiva da língua, por meio da ampla pesquisa de décadas na área de sociolinguística variacionista.

Por muito tempo acreditou-se num conceito irreal da "unidade linguística do Brasil". São essas graves diferenças de status socioeconômicos que, explicam a existência em nosso país de um verdadeiro abismo linguístico, entre os falantes das variedades estigmatizadas do português brasileiro (moradores da zona rural ou das periferias das cidades, miseráveis e pobres, analfabetos ou semianalfabetos; e os falantes das variedades prestigiadas (moradores dos centros urbanos, mas escolarizados e de poder aquisitivo mais elevado).

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua. Uma educação voltada para a construção da cidadania, numa sociedade verdadeiramente democrática, não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade, e dos indivíduos particulares. E que condenar uma variedade linguística, equivale condenar os seres que as falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes - é preciso mostrar em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto a sociedade vária, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa, e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece a seus falantes.

Já em "Racismo Linguístico", Gabriel Nascimento vai fundo em pesquisas anteriores para criar a base do seu próprio estudo. Cita Achille Mbembe, Frantz Fanon, Lélia Gonzalez, dentre outros; e escreve um livro potente, que revela muito sobre a política de linguagem no nosso país.

Entre outros pontos explorados no livro, Gabriel revela a política do ensino de línguas no Brasil, desde sempre voltado às elites, excluindo a maior parte da população. Ou seja, a população que está à margem dos grandes centros urbanos - que por conseguinte é preta e pobre. A ditadura e a Era Vargas tiveram grande impacto na difusão da língua no país e também no seu prestígio.

O ensino da língua inglesa no Brasil permanece, desde 1909, como uma forma de manutenção de privilégio branco no país. Como vimos em Leffa (1999), a presença do inglês nunca teve como foco um projeto de adequação ao capitalismo moderno, num primeiro momento, num outro, à globalização selvagem. (NASCIMENTO, 2019, P. 101)

Ao ler esta obra eu pude perceber o quanto a língua foi usada ao longo dos tempos como purificação e limpeza do projeto colonial, como prática de ideologia racial, mantenedora de privilégios da branquitude, como ainda vemos nos dias de hoje.

As variações linguísticas entram nesse cenário como sendo uma afronta à língua do colonizador, pois ele sempre negou a originalidade da cultura afro centrada, seus dialetos, a gênese de sua fala. É necessário que nós, como educadores, trabalhemos para que o racismo linguístico desapareça do dia a dia das escolas. Enaltecendo as línguas de origem, como o nheengatu, o tupi, dentre outros que ainda se fazem presentes na nossa realidade.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO (04 AULAS/ 45MIN)

HABILIDADES BNCC:

(EM13LGG401) Analisar criticamente textos de modo a compreender e caracterizar as línguas como fenômeno (geopolítico, histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso.
(EM13LGG402) Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e sem preconceito linguístico.

OBJETIVO: Espera-se que ao final da sequência o aluno possa assimilar as constantes mudanças de uso da língua e entender a relação da variação linguística com a sociolinguística, a fim de evitar preconceitos e estigmatização.

PÚBLICO ALVO: 1º ano do ensino médio.

AULA 1:

Discussão e conscientização (20 MIN)
Explicar o que é a variação linguística e por que é importante. Realizar discussões em grupo sobre diferentes formas de falar, sotaques, dialetos e variantes linguísticas.

Análise linguística (25 MIN)
Examinar exemplos de variação linguística em sala de aula e destacar as diferenças gramaticais, lexicais e fonéticas, explorando como as regras e convenções linguísticas podem variar de uma comunidade para outra.

AULA 2:

Atividades de leitura e escrita (25 MIN)
Explorar textos escritos em diferentes variantes linguísticas e dialetos. Isso pode incluir literatura, poesia e artigos de jornal. Para começar, usarei o livro de contos de Jarid Arraes: "Redemoinho em Dia Quente." Após a leitura coletiva de um dos contos, o professor pode relê-lo em voz alta usando outra oralidade possível.
Atividades práticas (20 MIN)
Realizar atividades de dramatização ou jogos de interpretação de texto para explorar variantes da oralidade nos contos de Jarid Arraes.

Atividade para casa
Pedir aos alunos que realizem entrevistas gravadas com pessoas que falam diferentes variantes linguísticas, a fim de aprender mais sobre suas experiências e perspectivas, de dialetos locais ou comunidades linguísticas específicas. O aluno pode usar um celular como gravador.

AULA 3:

Socialização dos áudios em roda. (25 MIN)

Produção de contos a partir dos áudios dos colegas que explorem a oralidade verificada na socialização. (20 MIN)

AULA 4:

Em grupos os alunos lêem os contos produzidos dos colegas, e em seguida debatem em roda com o professor sobre o que perceberam de variantes. (45 min)

CONSIDERAÇÕES FINAIS
Acredito que temos o poder de transformar a visão que nossos estudantes têm sobre a língua portuguesa. Português não é chato e nem precisa ser. Podemos utilizar a nossa língua falada e escrita de muitas maneiras e com muitas finalidades. A variação é um ótimo recurso para tal. Estimular o estudante a aceitar a sua língua, com suas mudanças diacrônicas e sincrônicas é uma ação transformadora, em que as possibilidades se abrem para uma língua mais democrática, inclusiva e de uso mais consciente.
O professor precisa ter a preocupação de incluir a diversidade da língua no dia a dia da sala de aula. Respeitar as diferentes culturas, os sotaques e todas as falas, regionalismos etc. É a partir desse olhar múltiplo que o aluno se apropriará melhor da língua portuguesa e das suas nuances. Entendendo também, que a gramática normativa pode ser sim um norte, mas nunca um limite para a língua falada. Trabalhar com variação linguística em sala de aula é essencial para promover a inclusão e o respeito à diversidade linguística e cultural dos alunos. Ao reconhecer e valorizar as diferentes formas de falar de cada região, classe social, etnia e contexto, os educadores abrem

espaço para que os estudantes se sintam representados e compreendidos em seu ambiente escolar.

A importância desse trabalho vai além da simples aceitação das diferenças linguísticas; ela se estende ao reconhecimento do valor intrínseco de cada variedade linguística e sua contribuição para a construção da identidade individual e coletiva dos alunos. A linguagem é um reflexo da cultura e das experiências de um povo, e ao explorar essa diversidade na sala de aula, os professores capacitam os estudantes a compreenderem melhor o mundo ao seu redor.

Além disso, ao trabalhar com variação linguística, os educadores podem ajudar os alunos a desenvolverem habilidades importantes, como a capacidade de se comunicar de forma eficaz em diferentes contextos sociais e a compreensão crítica das estruturas de poder que influenciam as percepções sobre as diferentes formas de falar.

Ao integrar a variação ao currículo escolar, os professores também estão contribuindo para o combate ao preconceito linguístico, que muitas vezes marginaliza e desvaloriza determinadas formas de falar. Esse é um passo crucial para criar um ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor para todos os alunos, independentemente de sua origem ou background linguístico.

Portanto, trabalhar esse tema na sala de aula não só enriquece o processo de ensino e aprendizagem, mas também promove valores fundamentais de respeito, tolerância e valorização da diversidade. É uma maneira de empoderar os alunos, ajudando-os a se tornarem cidadãos mais conscientes e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Tendo como referência todos os autores pesquisados para a fundamentação desse documento, espero que essa sequência didática sirva como um suporte para educadores promoverem uma escola mais democrática no ensino de português.

REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. Redemoinho em dia quente. São Paulo: Ed. Alfaguara, 2019.

BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CASTILHO, A. T. de. A língua falada e o ensino de língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2000.

FIORIN, José Luiz (org.). Introdução à Linguística: Objetos Teóricos - Vol. I.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LABOV, William. Padrões Sociolinguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

NASCIMENTO, Rodrigo. Racismo Linguístico. São Paulo: Ed. Letramento, 2019.

TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. São Paulo: Ática, 1985.